

*DOIS EPISÓDIOS DA VIDA
DE EDUARDO MONDLANE,
NARRADOS POR
PEDRO EDUARDO DEMONY*

Teresa Cruz e Silva
Investigadora do Centro de Estudos Africanos

*DOIS EPISÓDIOS DA VIDA
DE EDUARDO MONDLANE,
NARRADOS POR
PEDRO EDUARDO DEMONY*

INTRODUÇÃO

A narração destes pequenos episódios da vida de Eduardo Mondlane foi extraída de uma entrevista por mim realizada a Pedro Eduardo Demony em Chicúque, na Província de Inhambane, em Outubro de 1992, no âmbito do projecto "O Papel das Igrejas Protestantes no Sul de Moçambique na Formação de uma Consciência Política (1940-74)".

A entrevista foi adaptada em termos de sequência e discurso, e introduzidos títulos, por forma a dar-lhe um determinado estilo literário. Na medida do possível, o texto tenta apresentar a vivacidade e o bom humor do entrevistado ao longo da sua narrativa, servindo os nossos comentários para ilustrar ou esclarecer alguns pontos, que em alguns casos são de natureza metodológica.

Pedro Eduardo Demony, nasceu em Mocodoene, na Província de Inhambane, em 1912. Filho de um chefe de Posto e de uma senhora natural de Mahole, na Província de Inhambane, foi educado pelos missionários metodistas em Cambine, tal como a sua esposa que cresceu no internato metodista para raparigas, em Chicúque. Trabalhou em Inhambane, no escritório do advogado Nobre de Melo e na Missão Metodista de Cambine. Mais tarde, empregou-se como motorista particular de uma família, em Lourenço Marques, acabando por regressar a Inhambane onde voltou a trabalhar na Missão Metodista, em Chicúque, tendo terminado a sua carreira como professor de condução em escolas de Maxixe e Inhambane. Hoje, com quase 81 anos, vive em Chicúque com a sua família, no seio de uma comunidade de cristãos metodistas, esperando melhores dias para a solução do

problema da sua reforma.

Demony travou conhecimento com Eduardo Mondlane por volta de 1940/41, quando este esteve em Combine, onde fez um curso de agricultura e desenvolveu uma intensa actividade entre a juventude da Igreja¹. Em 1961, quando Mondlane veio a Moçambique, Demony reencontrou-o, uma vez que foi indicado pela Missão Metodista de Chicúque para o acompanhar como motorista na sua viagem a Gaza e a Inhambane. Os episódios que a seguir se relatam referem-se a uma parte dessa viagem.

Eduardo Mondlane retorna a Moçambique em 1961, depois de uma ausência de aproximadamente 10 anos. Tendo saído como estudante, volta como funcionário das Nações Unidas, onde estava colocado desde 1957, depois de ter trabalhado nos Estados Unidos como docente e investigador. O seu regresso, num momento em que o continente africano vivia transformações políticas importantes, das quais os moçambicanos não estavam alheados, é marcado pelo calor e entusiasmo manifestados por alguns dos seus compatriotas, muitos dos quais vêem nele uma esperança de libertação. Dos testemunhos por nós recolhidos sobre a sua visita, poderemos facilmente concluir que ela foi muitas vezes interpretada dentro de uma auréola mítica. Exemplos típicos disto são as numerosas versões da viagem Maputo-Gaza-Inhambane, nas quais se relatam acontecimentos que nos falam desde uma bomba colocada no automóvel a uma fracassada tentativa de atentado contra toda a família de Mondlane ou os discursos proferidos por Mondlane em Gaza, em Inhambane e no Chamanculo. Estes acontecimentos foram interpretados e reinterpretados em diferentes períodos históricos, construindo e reconstruindo uma imagem sempre viva de um herói que é assim reapropriado por diversas tendências políticas.

Nos episódios narrados pelo nosso entrevistado pode-se encontrar uma reinterpretação dos acontecimentos, na base da acumulação de conhecimentos que ele foi fazendo ao longo dos anos. A utilização de uma linguagem que se situa no período pós-independência de Moçambique, como **Maputo**, em vez de **Lourenço**

(1) Para mais informações sobre este período da vida de Mondlane e o trabalho desenvolvido no seio da juventude, vg:
CRUZ E SILVA, T. e JOSÉ, A. (1991) Eduardo Mondlane: Pontos Para uma Periodização da Trajectória de um Nacionalista (1940-61).
CRUZ E SILVA, T. (1992) Igrejas Protestantes no Sul de Moçambique e Nacionalismo: O caso da "Missão Sufça" (1940-1974). "Estudos Moçambicanos" (10). pp 19-39.

Marques da época; a utilização da expressão "força", para designar protecção militar são apenas dois pequenos exemplos que podem ilustrar esta afirmação. As palavras que Demony coloca na boca de Mondlane são também exemplos dessa reinterpretação, da "reconstrução" do herói e de como a memória histórica é selectiva, se redesenha e é determinada quer culturalmente, quer pela própria estrutura do Poder. Mas, o melhor exemplo de tudo isto é-nos dado pelo próprio entrevistado, quando lhe perguntámos pelo nome de um amigo que Mondlane visitou nessa altura, cujo nome ele não conseguiu recordar: "Ninguém me exigia... Mesmo se mo exigissem, naquela altura, já não me lembrava. Agora, a gente lembra-se porque é Presidente!"

A visita de Mondlane a Moçambique, em 1961, deve, no entanto, ser considerada como um marco histórico no processo de desenvolvimento do movimento nacionalista, não só pelo significado das mensagens por ele deixadas em diversos lugares e os contactos estabelecidos com vários moçambicanos, como também pelo impacto que ela teve na tomada de decisões de carácter pessoal que o levaram mais tarde a participar directamente na luta nacionalista que, então, se desenvolvia.

1 – " O CARRO QUE LEVA MONDLANE PARA INHAM-BANE ESTÁ EM PERIGO"

"... Eu conheci o Eduardo Mondlane quando veio a Cambine, para o curso de agricultura (...). Ele é da "Missão Suíça". De maneira que ficou muito tempo, e que começou estas coisas da juventude². Ele é que veio começar estas

- (2) Trata-se dos grupos da juventude ou "mintlawa". "Mintlawa" é uma palavra tsonga, que significa grupos. Inicialmente inspirados nas "patrulhas" da juventude suíça, os missionários suíços e quadros da Igreja Presbiteriana de Moçambique conseguiram criar um sistema de educação da juventude adaptado a Moçambique e inspirado nos valores "tradicionais" dos pequenos

coisas. Fez acampamentos, ensinou muita gente. De maneira que ele foi para os estudos dele. Desapareceu! Ouvi dizer que estava na ONU, como membro da ONU. Então, desta vez ele veio, ele veio nomeado para os Camarões, para organizar a independência dos Camarões, em 61. De maneira que quando acabou, pediu férias (...). Então, ele escreveu para a Missão Metodista Unida, pedindo um carro com condutor-mecânico (...) para lhe satisfazer a viagem durante um mês (...). Então, escolheram a mim, para eu ir satisfazer a vontade do Dr. Mondlane (...). E disseram a mim, para não incomodar. Aquele é gente grande, não incomoda. Pedi dinheiro para gasolina, para todo o mês. Está ver? Fui lá esperar no Khovo, na "Missão Suíça" lá em baixo. Ele veio, chegou, marcou um dia para a gente sair para Inhambane (...). De maneira que, então, estava marcado para sair às sete e meia, de Maputo. Não consegui! Antes das sete e meia, telefonemas tilintaram: quem pegasse o auscultador, ouvia: "o carro que leva Mondlane para Inhambane está em perigo". Só! Perguntava quem é, donde é, quem é que fala, nada!... Calou! Basta dizer aquilo, pronto, calou! Então, a gente ver que aquilo correu para muita gente na cidade, veio um missionário da "Missão Suíça" lá do Alto Mãe, naquele hospital, veio lá em baixo a correr, com o Volkswagen dele só para fazer adiar a viagem porque ouviu no telefone, que o carro que leva Mondlane está em perigo. E ele ... ah! ... não posso adiar. Eu já marquei.

Enquanto estava a falar, o outro director do Khovo, Clerc³, ali veio ele também, foi ter com ele, que é para adiar a viagem, porque ele ouviu o telefonema (...) a dizer: "o carro que leva o Mondlane para Inhambane está em perigo (...). Então, o Dr. Clerc é que disse: não era melhor a gente ir ao Governador-Geral saber? O Mondlane apoiou, disse, sim senhor! essa é boa ideia. Entraram no Volkswagen, não foram no meu carro, foram lá para falar com o Governador ... Não é dado oficial, se fosse oficial, eu tinha conhecimento. Não tenho conhecimento nenhum, isso eu não sei. Não sei nada. Mas ofereceu transporte. Porque é que não vai de avião (...)? Ele disse: não não quero ir de avião, porque o avião há-de me levar rápido para casa, e eu não quero assim, por isso é que eu pedi o carro à Missão, que é para andar a ver os amigos (...). Tem que entrar aos amigos, para eu conversar, pelo tempo que eu desapareci. Convenceu! Então, se for assim, vai com o carro militar, com a força, para ir onde quiser, aos amigos. Não senhor, não era a minha vontade, porque se eu

pastores e crianças do campo, acrescidos de outros valores educacionais.

Utiliza-se frequentemente a expressão patrulhas, ou juventude, para designar os mesmos grupos.

- (3) Daniel-André Clerc, missionário suíço, trabalhou muitos anos em Moçambique ligado à área da educação, na chamada "Missão Suíça". Foi tutor de Eduardo Mondlane e com ele manteve uma profunda amizade até à morte deste.

vou à casa de um amigo, com a força, com armas e tudo, que conversa a gente há-de ter aí? Não aceita conversar bem. Eu quero ir à vontade, estou de férias de um mês, é para conversar à vontade, para matar saudades de algum tempo. Bom, então pode ir, não há-de haver nada.

Voltaram. Então aparece um comerciante, no Khovo, aquela avenida que passa de baixo. Veio um comerciante dali. Então, ouviram o telefone? Ah... não é nada, a gente há-de ir. Oh Demony, dá lá a tua opinião, o que é que você pensa? Você também ouviu o telefone? Não, eu não ouvi o telefone, mas ouvi uns alunos sobre o telefone que ouviu na escola. Eh ... dá lá a tua opinião. Que opinião você dá? Bom, disse, se fosse da minha vontade, era adiar a viagem. A minha ideia era essa, para outro dia. OH! ... Mondlane riu, riu, essa não é opinião... Sr. Dr. se fosse possível, o Dr. Clerc leva o Sr. Dr. até Marracuene, e eu levo a senhora, vou também atrás. Ah! ... essa é que é boa ideia. Boa ideia sim senhor! Oh Clerc não pode nos acompanhar? Posso, sim senhor. Então, entraram logo no Volkswagen, subiram, meteram-se na Pinheiro Chagas. É daí que mudou o nome de Pinheiro Chagas para Eduardo Mondlane, porque é com aquela avenida que ele saíu para Inhambane. E eu, com medo não fui atrás dele. Fui até lá em baixo, procurar a 24 de Julho, até lá em cima, é que me meti ali (...). Foram andando, saíram em Marracuene, ali na estação onde vendiam gasolina, passaram ali, ficaram à minha espera. Eu quando cheguei ali, também parei. E perguntou-me então ... não tem coragem ainda? Eu disse: Sr. Doutor, já tenho coragem. Entraram no meu carro. Então, Dr. Clerc pode voltar. E voltou.

E eu fui com ele andei, andei ... até à Palmeira. Na Palmeira tem lá um hotel (...). Ele disse, vamos matabichar aqui. Bom, encostei o carro e parei. Saímos e entramos no Hotel. Demony, manda fazer o matabicho, vá. E eu fui ao dono, era um branco o dono do hotel. O Senhor pode-nos fazer matabicho?... Bom, que prato quer? ... Oh ... isso agora é que eu não sei, não sei qual é o prato, deixe-me ir perguntar. Dei três passos... eh pá, anda cá. Quem é aquele? Aquele? Aquele é o Dr. Eduardo Chivambo Mondlane. Assustou. É aquele mesmo? Eu: Sim, é ele. Ele disse: Vai sentar, vai sentar (...) A gente conhece o matabicho de gente grande, vai sentar ali. Bom eu fui, sentei-me ali na mesa. De repente, aparece um servente com avental novo, com pratos novos. Ali já sabe, quando se senta tem que aparecer um servente para atender o pedido. Estava lá um servente, outro... Mas, como é daqueles que não conhece gente grande, mandou embora. Tirou a toalha, pôs outra toalha e aquele outro homem desapareceu dali (...). Preparou, de repente aparece uma bicha de comida, ovos fritos, beberete: Há-de comer aquilo que ele quiser, deixar aquilo que ficar, porque era muito, mesmo (...). De maneira que

ficou aquilo que ficou. Bom, vamos embora, vai pedir a conta. Fui outra vez ali ao branco: Quero a conta! Ele: - Que conta? Aquele homem não paga nada! aquele homem não paga nada! Pode ir. Pronto, eu fui, eh... então cheguei ali, e disse a ele, aquele homem disse que não recebe nada (...)"

2 – "MANJACAZE, PERTO DO OLHO DE DEUS"

"(...) Fomos até no Xai-Xai, para apresentar-se ao Governador⁴, porque Manjacaze pertence ao Xai-Xai. Foi ao Governador, falar com o Governador. Daí a bocadinho veio ordem para eu com a senhora irmos ao Hotel ficar lá, descansar à vontade (...). Daqui já não vê mais o Mondlane... E ele foi com ele até ao campo de aviação, deu voltas, lá para Chokwé, aquela agricultura toda, até foi a Manjacaze ver, visto de cima... Deu voltas, o Governador, assim, para ver se agrada... E sabia muito bem que ele tinha, tinha uma coisa, uma ideia. De maneira que ... tanto tempo que andou com ele, que conversou com ele, que só pelas 16 a gente foi à Sepúlveda, antes de ele voltar. Quando voltaram, a gente estava lá. Depois vieram, então prepararam a viagem para lá. Estava cheíssimo lá, cheíssimo de gente, na Sepúlveda⁵ à espera dele (...). Agricultores, enfermeiros, professores, hei! ... Todos queriam falar com ele. Não, não falem nada, quem quiser falar comigo vai no Domingo a Manjacaze. Olhe, a gente saíu e deixou aquela gente, mas toda a gente estava lá (...). Estavam à espera que fosse a Chidenguele, saiu com aquela estrada preparada, mas ele não foi lá. Como ele conhecia aquela estrada antiga, de Chongoene, directamente para Manjacaze ... areal... aquela estrada. Sabe, árvores, ramos... porque quem fosse lá enterra, cava para sair, deixa aquela cova, deixa ramos.

A gente andou... quando chega ao limite de Chongoene e Manjacaze, então o meu pneu vaza. Eh... o meu pneu está avariado. Ah sim? Preparei, saí fora. Era precisamente nos limites. Parei, tirei a esteira, parei, saíram, sentar na esteira (...). Eu ia preparado com três rodas sobressalentes.

(4) Tratava-se do Governador Óscar Ruas.

(5) Refere-se à praia Sepúlveda, hoje conhecida por praia do Xai-Xai.

Tirei aquela roda, pus outra, acabou e ele estava a falar com a senhora dele (...).

Quando saímos dali, tivémos que sofrer, saltos, covas, areia, subidas, até apanhar aquela rua que vem de Chidenguele, já passa Manjacaze. Então, fomos até à secretaria (...) da administração, e ele entrou, eu também entrei ali, a senhora dele estava lá também. E o senhor administrador teve o atrevimento de perguntar a sua habilitação. E o Dr. Mondlane perguntou: habilitação?... catedrático. É ali que eu ouvi, não sabia nada também, e eu aproveitei ali ver afinal, é da categoria catedrático! O administrador admirou-se... catedrático? com aquela cara admirado... então, um catedrático preto? (rindo-se muito). É daquelas coisas, ainda não tinha catedráticos aqui em Moçambique, por isso admirou, ele pensava que estava enganado. Então, tirou o cartão dele e mostrou... estava escrito em cima, catedrático, com uma fotografia dele. É quando ele acreditou, pediu desculpas. Bom, perdão pelo meu atrevimento. Convidou-o para o gabinete, foi ficar com ele no gabinete a conversar.

Nisto, então aparece o secretário, e vem falar comigo: Você também vem da América? Eu? eh... não! eu venho de Chicouque! Como é que você encontrou este homem? - Eu, ah ... eu encontrei porque ele escreveu para a minha Missão, pedindo um chofer-mecânico. De maneira que eu como estava lá, elegeram a mim para eu ir lá, por isso estou a cumprir a viagem dele. Quando ele sai, eu não vou à América, não conheço... Você conhece Manjacaze? - Não, nunca conheci. - Mas você gostava de conhecer Manjacaze? - Oh... há tanto tempo que eu gostaria. Procurei maneira, mas não tinha possibilidades, eh ... não tinha possibilidades. Mas eu procurei muitas vezes maneira de vir aqui a Manjacaze, que está perto do olho de Deus! porque ouvi falar de Matateu (rindo-se com muito gosto). Ouvi falar de Matateu, no SPORTING ⁶. Matateu! Matateu fez-me admirar e muita gente admiraram dele! Perguntaram onde nasceu, de onde é esse homem? É de Manjacaze! Arre! eu queria ver o tal Manjacaze, do tal Matateu mesmo. E depois conheci Manjacaze em três pontos: Primeiro, é SPORTING (sic), é esse Matateu; depois, é o homem alto, mais do mundo, o gigante! O Secretário disse: Além, para além de mim, é a casa dele; mas é pena, você não há-de ver porque já foi para Portugal. E eu disse é pena, só queria aproveitar ver estes três pontos.

Pergunta-O terceiro ponto, qual é? Falou do Matateu e do Gigante. O outro é o Mondlane?

(6) Matateu jogou no Clube Desportivo Belenenses de Portugal.

Resposta (rindo-se) - É a educação. A educação. Este homem, ouvi aqui, catedrático. Em Manjacaze! que diabo, esse Manjacaze! ele sozinho! não aparece outro homem de outro lado?

A memória sempre viva de Demony levou-nos, depois, a Maxakahomo, terra natal de Eduardo Mondlane e sua família e depois para Inhambane. Na memória do nosso entrevistado, ficou registrado o encontro de Mondlane com os professores da escola de Chicúque, no qual o ponto fulcral da sua intervenção foi a necessidade de estudar e a oferta de bolsas de estudo para os moçambicanos desejosos de fazerem estudos superiores.

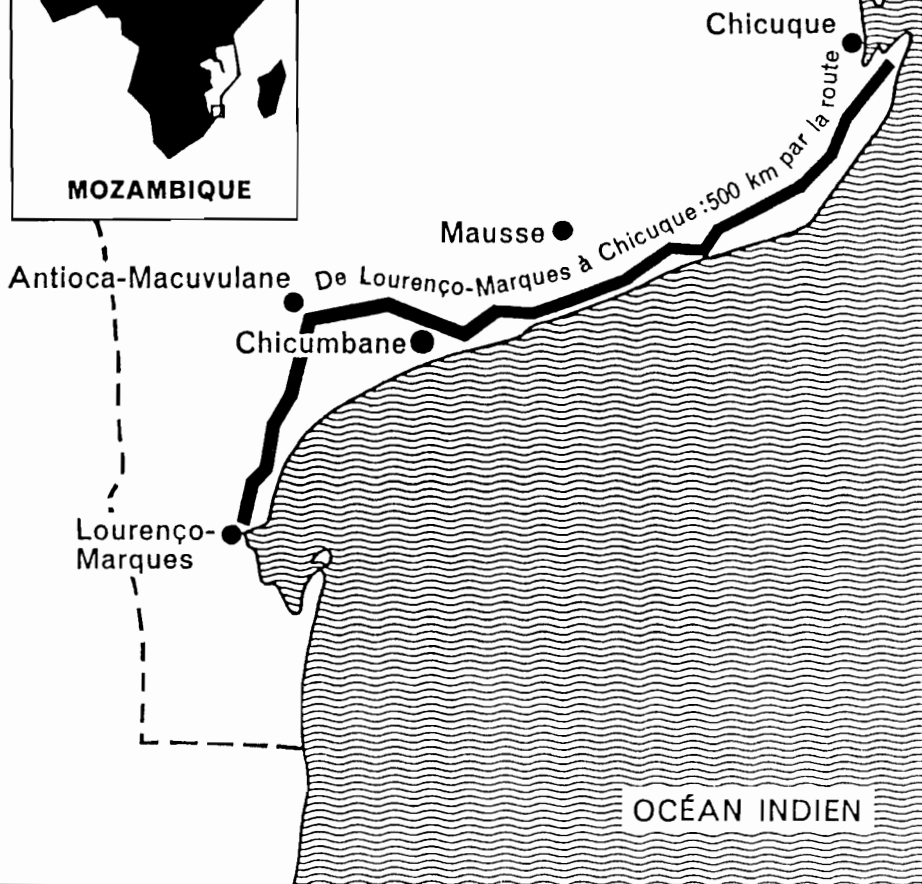
O testemunho de Pedro Eduardo Demony, apresentado com espontaneidade e bom humor, traz-nos o sopro de uma beleza que só as coisas simples podem transmitir. Demony captou e conseguiu transmitir a grande preocupação de Mondlane: a necessidade de estudar para melhor combater o colonizador e poder desenvolver o país⁷.

(7) Na sua autobiografia publicada em REIS e MUIUANE (1975) "DATAS E DOCUMENTOS DA HISTÓRIA DA FRELIMO". Maputo: Imprensa Nacional. p. 73 pode ler-se a este propósito:

"O meu interesse real no tipo de educação ocidental foi estimulado pela minha mãe que insistia em que eu fosse para a escola para compreender a feitiçaria do homem branco, para assim poder lutar contra ele. A minha mãe disse-me isto tantas vezes que, apesar de ela ter morrido quando eu tinha apenas 13 anos, posso ainda ouvir a sua voz repercutindo nos meus ouvidos."



L'Eglise presbytérienne du Mozambique dispose de deux hôpitaux, à Lourenço Marques et à Chicumbane, de deux dispensaires, à Antioca et à Mousse (prononcer ma-ousse), et d'une école d'infirmières, en coopération avec l'Eglise méthodiste unie et près d'un des hôpitaux de cette Eglise, à Chicique (prononcer chi-cou-ki).



Eglise presbytérienne du Mozambique

—○— Chemin de fer

— Route principale

0 50 100 150 km

